

DANÇA E EDUCAÇÃO

Isabel M. M. de Azevedo MARQUES.*
Para Roseli Fischmann

RESUMO: A importância da dança como parte da formação do indivíduo vem sendo reconhecida nos últimos anos por profissionais das áreas de dança e de educação. Apesar disso, o sistema escolar brasileiro ainda apresenta uma profunda lacuna na área de educação artística, não proporcionando aos seus alunos a possibilidade de um desenvolvimento corporal, estético e social através da dança. Poder-se-ia dizer que a introdução definitiva da dança no sistema escolar brasileiro está primeiramente vinculada à superação de preconceitos e dualismos histórico-culturais, à definição e conceituação do que seja dança e de seu valor pedagógico e, principalmente, vinculada à formação de professores competentes e comprometidos com o desenvolvimento social e cultural do país.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Educação. Dualismo. Magistério. Valores. Movimento. Expressão. Corpo. Vida.

"Que aconteceria se, em vez de construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?"

Roger GARAUDY

* Mestre (MA In Dance Studies) pelo Laban Centre for Movement and Dance, University of London. Artigo baseado em trabalho de estágio e reflexão sobre pesquisa bibliográfica para a disciplina Metodologia e Prática de Ensino do 2º Grau da Faculdade de Educação da USP, sob responsabilidade da Prof. Stella Piconez, escrito em dezembro de 1987.

O que é dança?

Segundo Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, (1) dança é: "cadência de passos ou saltos, ordinariamente ao som e compasso da música."

Esta concepção de dança, mecânica, estreita, preconceituosa e dependente (da música) é explicada por Roger Garaudy (2) como consequência de um processo histórico da humanidade que acabou por destruir toda a magia e poesia da dança enquanto parte integrante do homem, de sua vida e de seu relacionamento com os outros homens e com Deus.

A dança, para os povos primitivos, sempre foi manifestação de amor, de morte, de guerra e de religião. Ou seja, a dança sempre esteve associada à vida. Nas culturas antigas, a dança era a mais alta expressão de vida, chegando a ser definida por Platão como "um dom dos deuses."

Com o advento do Império Romano a dança é degradada e envolvida na corrupção do modo de vida romano, passando a ser representada pela violência sádica do circo e pela obscenidade da pantomima. A dança foi, assim, englobada pelo cristianismo nascente como uma arte que refletia a decomposição de um mundo pecador e destruído moralmente.

Durante a Idade Média a dança foi "paganizada", pois enquanto expressão que se dá através do corpo, era duplamente condenada pela Igreja. O dualismo corpo e alma fez com que a dança fosse relegada, da liturgia e da comunicação espiritual, às danças camponesas e nobres, revestidas de pesadas vestimentas e carecidas de êxtase, de amor e de vida.

A dança volta a florescer durante o Renascimento, uma vez havia uma nova atitude diante do dualismo cristão. As danças de corte são com o tempo academizadas, principalmente na Itália e na França, e passam a representar ao divertimento de uma aristocracia.

Os séculos XVIII e XIX colaboram para a perpetuação da dança como ornamento aristocrático através do ballet clássico, altamente tecnicista, decorativo e sem conteúdo cultural, emocional ou social. O ballet clássico é definido por Roger Garaudy (3) como uma "acrobacia graciosa" e uma "língua morta" que separa a platéia do palco e, portanto, perde todo seu significado vital que outrora possuía.

Esta visão da dança é a visão expressa por Aurélio e anteriormente citada: a dança é apenas passos ou saltos compassa-

dos harmonicamente, tal qual no ballet clássico tradicional*.

Segundo uma abordagem filosófica da dança, interpretada pelo mesmo Roger Garaudy, "dança é a união do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica" e ainda "dança é também meditação, meio de conhecimento introspectivo e do mundo exterior." Enfim, "dança é experiência que transcende a palavra, é modo de viver, de estabelecer relações com o mundo cósmico e de comunicar o êxtase". (4)

A bailarina Mary Wigman, de tendência contemporânea, define a dança como "um modo novo de abordar o mundo". Pode-se dizer, então, que a dança na segunda metade do século XX tenta "devolver a identidade do homem enquanto corpo-receptáculo do mundo". (5)

A rebelião contra o academicismo que invade o século XX faz com que, na área da dança, surjam novas tendências que procuram recuperar a dança enquanto expressão de vida. Isadora Duncan, Martha Graham, a já citada Mary Wigman, Rudolf Laban, Doris Humphrey e Maurice Béjart são exemplos desses movimentos a favor da "dança verdadeira."

Rudolf Laban, através de seus estudos sobre o movimento humano, abrange todos os níveis da arte, da religião, da comunicação humana, da produção (6) e enfim, da vida. Segundo o próprio Laban, "é arte do movimento que, de um lado, representa os aspectos mais exteriores da vida e, de outro, um espelhamento dos processos ocultos do ser interior". (7)

Jean Le Boulch, abrange a dança sob um ponto de vista mais psicológico, classificando-a como "gesto, tradutor direto do estado emocional por suas modificações tônicas involuntárias que lhe conferem um valor expressivo imediato". (8) Ou seja, dança é linguagem espontânea, natural que ultrapassa as limitações da palavra. Le Boulch vai mais adiante e também admite que a dança pode ser utilizada para "fins de psicoterapia ou catárticos que permitam ao sujeito superar o anátema desvalorizante que pesa há demasiado tempo sobre o corpo e se constitui numa causa de óbice regressivo do comportamento". (9)

Ainda na tentativa de definir a dança, a literatura especializada aponta pontos de vista de educadores: Regina Katz,

* Esta concepção estática do ballet clássico apresentada por Roger Garaudy pode ser contestada levando-se em conta que o mesmo é produto de uma época e deve ser entendido hoje com uma entre as muitas possibilidades de expressão artística corporal que enriquecem a movimentação humana se apreendido e apreendido sob a ótica de um dado contexto histórico e cultural. Para tanto menciona-se Copeland and Cohen (eds): *What Is Dance?* (Oxford: Oxford University Press, 1983).

pedagoga, entende a dança como meio de comunicação e de expressão que integra o conhecimento intelectual por meio de uma vivência corporal. Além disso, a dança favorece íntima relação entre o sujeito e o pensamento, enriquecendo o processo de aprendizagem, o desenvolvimento e o aprofundamento da percepção sensorio motora, da motricidade, da imaginação, da criatividade e da comunicação. (10) A mesma autora ainda salienta que a dança é o encontro do indivíduo com seu corpo, um conhecimento de si e a maneira de lograr uma boa imagem corporal. (11)

No que diz respeito a especialistas que lidam com dança, a mesma foi definida primeiramente como vida, ar, respiração e alimento presentes no cotidiano de todos e em qualquer tipo de manifestação humana. (12)

Outro especialista da área, que também trabalha com a arte de movimento de Rudolf Laban, entende dança enquanto expressão estética capaz de criar um estágio segundo (quebrar o ritmo do cotidiano) que possibilita a percepção de novos valores, ritmos reflexos, reações e variações de valores. Ou seja, dança é definida enquanto êxtase, transe, forma de organização diferenciada das sensações e dos estímulos humanos através do movimento. A dança visa, assim, a criar condições de vivenciar emoções estéticas não presentes nos processos racionais. (13)

A bailarina e corógrafa Maria Fux acha que dança "é poesia encarnada nos íntimos impulsos de um corpo, em seus ritmos e gestos". (14) Ou seja, há também nesta visão um entendimento de dança enquanto arte e manifestação de vida interior que busca um mundo exterior.

A pedagoga Yvonne Berge enfatiza a dança enquanto maneira de conhecer o corpo e, portanto, de conhecer-se. A autora cita em seu livro que "nada está separado do nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em nenhuma outra parte". (15)

A partir da análise de um livro didático, a dança não chega a ser definida explicitamente, mas aparece no item "atividades para a educação musical". Ou seja, a dança subordina-se à música e só serve enquanto meio para uma finalidade maior (a música). Ela é, segundo o livro exemplifica, "recurso musical", "seqüência que possibilite coreografia". (16)

A proposta curricular de Educação Física da CENP (17) vê a dança como possibilidade de desenvolvimento de um ser humano integral que resgata a cultura popular e estimula as funções cognitivas. Na própria proposta curricular aparecem citações de Laban nas quais a dança é definida como "poesia das ações corporais no espaço". (18) e a expressão do eu.

No que diz respeito à concepção de professor de Educação Artística do 2º Grau, a dança foi basicamente classificada como uma forma de linguagem corporal e de expressão humana que não está necessariamente vinculada à música.

Alunas da habilitação magistério em nível de 2ª Grau*, em resposta a questionários, definiram a dança segundo duas concepções básicas: dança enquanto arte e expressão e dança como meio de desenvolvimento de outras funções humanas, quer físicas, quer intelectuais.

Entre as alunas que definiram dança como expressão do corpo, há aquelas "que não gostam de dançar" porque não têm aptidão ou jeito. Ou seja, apesar de considerar a dança enquanto fluxo interno do ser humano, possuem uma visão bastante academizada e tecnicista do movimento, na qual uns podem e outros não podem dançar. A definição dessas alunas entra em contradição com a sua prática ou simplesmente demonstra que a definição de dança apresentada é bastante teorizada e foge a uma interiorização maior.

Estas duas concepções da dança aproximam-se daquilo que Roger Garaudy chamou de dança como uma linguagem morta e que Aurélio definiu como saltos e passos vinculados a uma música ou a um compasso.

Ainda dentro deste grupo há alunas que já tiveram alguma experiência corporal ou têm a noção de que a dança pode ser considerada a arte do movimento em qualquer momento ou situação. Para elas, que dançam, a dança é espontânea, relaxante e proporciona descontração. Além disso a dança faz com que os problemas sejam esquecidos e com que as energias sejam liberadas. A dança chega até mesmo a ser citada como "um outro mundo".

Analisando as respostas dadas por estas alunas, nota-se uma semelhança com a concepção de dança de Roger Garaudy e de Rudolf Laban, assim como das bailarinas e dos especialistas entrevistados: estar "em um outro mundo" e "ser espontânea" aceita a idéia de que dança é êxtase, é um segundo estado e, portanto, é expressão estética. A noção de que "a dança libera os sentimentos mais profundos", "faz com que os problemas sejam esquecidos", "descontra" e "gaste energias" está

* Esta mini-pesquisa constou de questionários distribuídos aleatoriamente a 20 alunas do 2º ano de habilitação magistério em nível de 2ª Grau da EEPG Prof. Mauro de Oliveira, São Paulo, em setembro de 1987. O questionário constou de 10 questões abertas sobre definições próprias de dança, experiências na área e inclusão da mesma na escola. O mesmo questionário foi aplicado para cinco professores de Educação Artística.

intimamente ligada à idéia de dança terapia (catarse ou psicoterapia). Ainda considerando estas respostas pode-se notar que há uma relação entre dança e vida, entre dança e arte, uma vez que mencionam sentimentos e emoções que são típicas do ser humano.

A segunda concepção de dança apresentada pelas alunas da Habilitação Específica em Magistério (HEM), que foi classificada sob "dança - desenvolvimento de funções", subordina a dança a mera "auxiliadora" do desenvolvimento humano. Com a dança há possibilidade de desenvolver a criatividade (função intelectual expressa artisticamente ou não), a coordenação, o molejo, o equilíbrio e o desenvolvimento do corpo como um todo. Apesar disso, quando perguntadas sobre o gosto pela dança, foram apresentadas concepções de beleza, de relaxamento, de liberdade e de disposição. A dança não foi relacionada em momento algum à expressão do ser humano, muito menos a uma capacidade de compreensão do mundo e de relacionamento com a vida. Vale notar que as definições mencionam a dança como lazer.

Este segundo grupo de definições, assim, aproxima-se das definições expostas por educadores em geral, apesar de que as teorias anteriormente expostas ultrapassam o nível da dança enquanto complemento. O conhecimento do corpo não é mencionado explicitamente, mas subentendido quando elucidada a questão do molejo, do equilíbrio e da coordenação. Já a abordagem de Regina Katz na qual "a dança integra o conhecimento intelectual" vem ao encontro das definições apresentadas pelas alunas do magistério.

A título de uma conclusão preliminar, poder-se-ia dizer que a abordagem "pedagógica" da dança é bastante limitada e estreita, pois não percebe a amplitude da dança mencionada, principalmente, por Roger Garaudy. Ou seja, o educador formado em Pedagogia, refletindo suas idéias nas alunas de magistério, tem dificuldade de conceber a dança como forma de vida, como elemento integrante do ser humano por si só, como ação e expressão cotidiana e espontânea. O educador não tem, nem a loucura nem a sabedoria de "dançar a vida".

Por que não se dança na escola?

"Nosso sistema de educação apegou-se à civilização do livro (...). A educação pelo movimento (...) é um primo pobre da educação"

Roger GARAUDY.

A dança como parte da educação vem sendo reconhecida nas últimas décadas mas, apesar disso, a dança não tem sido parte efetiva da programação das escolas formais*. Tudo aquilo que existe em nível de dança faz parte do sistema não formal de educação (academias) ou daquelas escolas chamadas "experimentais". Mesmo assim, a dança enquanto matéria escolar é apoiada pela legislação federal e estadual, assim como pela literatura, pelos programas mais recentes da CENP, por especialistas, professores e por alguns alunos.

Primeiramente, a entrada definitiva da dança na escola esbarra em um fator histórico anteriormente mencionado: a dança foi profanizada e menosprezada desde a Idade Média e condenada pela Igreja uma vez que o corpo é objeto de dança. Ora, sabe-se que o sistema educacional brasileiro teve suas raízes com os jesuítas e que, no decorrer de sua história, sempre esteve intimamente ligada aos preceitos, aos valores e aos ensinamentos da Igreja. A inserção da dança na escola, então, é dificultada por este preconceito histórico que somente nos dias de hoje começa a ser desmistificado.

Além disso, o próprio conceito de dança e sua relação com a educação, como já mencionado, é bastante limitante e limitado, fazendo com que a arte, e mais especificamente a dança, sejam os "primos pobres" da educação como já citado por Roger Garaudy. (19)

O caduco dualismo entre o corpo e a alma não permite que a arte, através da dança, faça com que o eu se identifique com a vida e com que tenha possibilidade de ser e de descobrir o seu eu contextualizado. (20) Se "criar é viver" (21) e se dança é criação e se finalmente, a criação é parte integrante do processo educativo, este dualismo deve ser superado a fim de possibilitar aos educandos a oportunidade de viver.

Obviamente, a relação que se estabelece entre a dança e a educação depende primordialmente da concepção que se tem isoladamente das duas áreas. O posicionamento filosófico de Roger Garaudy coloca a dança na educação como a única maneira de proporcionar uma experiência estética fundamental e um engajamento social. (22)

Segundo o mesmo autor, "dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado:

* Refiro-me aqui à dança vinculada ao currículo escolar e valorizada enquanto instrumento de formação e conscientização do indivíduo. Não há referência à dança das festas escolares (quadrilhas, tarantela etc) que, apesar de "educativas" (ritos e tradições culturais) são abordadas paralelamente na escola, sem dar-lhes conscientemente um valor educativo.

corpo, espírito e coração". (23) Deste modo, fica claro que uma educação na qual a dança (a arte do movimento de Rudolf Laban) não faça parte estará cumprindo seu papel apenas de forma parcial e insatisfatória.

Jean Le Boulch aproxima a dança da educação a partir do momento em que considera o movimento como aspecto central de educação. Para o autor, "a ciência do movimento humano deve forjar para si um passo próprio em função de seu objetivo particular". (24) Sendo assim, a dança deveria ocupar na educação um espaço próprio.

Rudolf Laban em sua teoria do movimento humano, também salienta a importância da dança enquanto fator educativo " ... é manifestação (o movimento) das mais importantes e talvez mesmo a própria fonte de educação (...) o que é da mais capital importância não somente para o ator bailarino, como também para o desenvolvimento pessoal de todo o indivíduo". (25)

Regina Katz enfatiza a dança em relação à educação no momento em que acredita que a expressão corporal é arte, é atividade grupal, assim como metodologia e educativa. Deste modo, a dança no processo educativo é colocada como "equilíbrio psíquico e físico que equilibra a saúde: desenvolvimento da sensibilidade; estímulo à coordenação motora, equilíbrio harmônico do tônus; desenvolvimento das capacidades de aprendizagem; exploração e investigação; enriquecimento da imaginação; estímulo à capacidade lúdica; fator que favorece a socialização e elemento que dá prazer estético através do movimento". (26)

Os especialistas na área de dança também relacionam dança e educação a partir da sua capacidade de auxílio na aprendizagem e no desenvolvimento integral do homem (Intelectual, psicológico e afetivo). O caráter terapêutico da dança também foi mencionado por estes especialistas, apesar dos mesmos não terem entrado no cerne da questão no que diz respeito à ligação entre escola e terapia.

A legislação federal e estadual (27) embasa a possibilidade do ensino da dança na escola dentro da matéria de Educação Artística; segundo a Resolução CFE nº 23 de 23/10/73 o currículo mínimo de Educação Artística deve abranger necessariamente "técnicas de teatro e dança". Além disso, o parecer CFE nº 641/71 de 19/8/71 diz que a dança pode ser ensinada como parte da educação geral nas escolas primárias e médias. A legislação estadual, na deliberação CEE nº 8/81 institui no sistema de ensino do Estado de São Paulo o ensino de dança em nível de 1º Grau, sendo que este poderá funcionar "complementarmente ao currículo pleno da escola ou em estabelecimento especializado

em ensino artístico". O parecer CEE nº 52/82 CEPF, aprovado em 17/1/82 relaciona a possibilidade de ensino de dança e música em nível de 1º Grau.

Assim, apesar da legislação contar com definições no que diz respeito à dança e à educação, ela pouco oferece para que isto se torne uma prática efetiva, pois dá maior ênfase ao ensino particular da dança visando à profissionalização do que a institucionalização da mesma no sistema escolar.

De fato, os programas de escolas de 2º Grau analisados (28) (na área de Educação Artística - uma vez que pela lei a dança deveria ser encaixada nesta área) a dança absolutamente não faz parte e nunca fez do currículo escolar. As aulas de Educação Artística obrigatórias por lei são preenchidas com desenho geométrico e, às vezes, com algum tipo de artes plásticas dirigida.

No que diz respeito ao livro didático, (29) a dança aparece como parte das propostas de música, servindo apenas de modo mecanicista altamente dirigido como um exercício a mais dentro da matéria de música para a escola primária.

Os currículos da CENP de Educação Física mencionados, também incluem a dança dentro de sua programação, principalmente no 1º Grau. Esta dança, predominantemente uma exploração do movimento através do espaço, é deixada de lado já no 3º Ciclo* quando é substituída pelas atividades desportivas e pela ginástica artística.

Ou seja, a dança está praticamente excluída da escola, tanto no que se refere à legislação e aos livros adotados, quanto aos programas elaborados pelo governo.

Entre a maioria das alunas do magistério que responderam aos questionário a dança foi colocada dentro da escola desde que as crianças quisessem, gostassem e não fossem forçadas a fazê-lo. Já algumas alunas não concordam com a presença da dança enquanto educação. As demais alunas, salvo o que já foi mencionado, acreditam na dança como fator de desenvolvimento da criança, desenvolvendo este que só abrange o nível físico (motricidade, músculo etc.).

Deste modo, nota-se que há uma falta de percepção, e de conhecimento talvez, nos aspectos abrangidos pela dança enquanto formação e educação do ser humano. As respostas colhidas demonstram uma falta de amplitude na concepção

* Entende-se por 3º Ciclo, segundo proposta da CENP/1987 o agrupamento da 6ª, 7ª e 8ª séries do 1º Grau.

destas alunas tanto no que diz respeito à dança quanto no que diz respeito à educação.

Em suma, analisados os programas, leis e questionários, constata-se mais uma vez que a dança está definitivamente fora da escola e que é entendida no seu sentido restrito. A razão para esta situação encontra-se em vários aspectos: a ignorância daquilo que pode ser considerado dança, a falta de visão de que a dança não é necessariamente algo academizado, a falta de experiência das pessoas no que diz respeito à dança, uma concepção restrita de educação e, também, a dificuldade de lidar com o corpo, durante tantos séculos condenado ao profano e ao pecado.

Seria o caso então de questionarmos em que matéria se encaixaria a dança e como seria efetivamente esta aula, se a dança fosse parte da escola e estivesse vinculada a educação formal* .

Segundo a legislação vigente, a dança se encaixa no currículo de Educação Artística, sendo que o professor habilitado para o ensino da dança deveria passar pelo curso de licenciatura em Artes Plásticas ou Artes Cênicas.

Segundo os livros didáticos, a dança já é colocada como parte da Educação Musical, sendo que seu currículo é composto de danças e movimentos abstratos sem significado, determinado pelo professor e imposto ao aluno.

Já o programa da CENP inclui dança em Educação Física, sendo que a grande ênfase é dada à dança folclórica e de raízes nacionais. Segundo Rudolf Laban: "as convenções das várias formas de ordem política e econômica, na sociedade humana, surgiram da percepção do esforço nas danças regionais e nacionais". (30) Ou seja, a abordagem da dança através das danças deste tipo é uma abordagem mais rica e bastante ampla, pois a dança está transmitindo e explorando a cultura e a organização social de uma região ou país enfatizando emoções e sentimentos que a razão não pode compreender.

As alunas do magistério incluíam dança tanto na Educação Artística quanto na Educação Física, sem justificar como.

Roger Garaudy, entretanto, critica veementemente a inclusão da dança na Educação Física, pois acredita que esta

* o tipo de dança a ser desenvolvido na escola: técnica, improvisação, repertório, coreografia, coreologia - merece um estudo específico. Para tanto ler PRESTON DUNLOP, V.: *A Handbook for Dance in Education* (London: MacDonalid Evans Ltda., 1984).

opção é a perpetuação do dualismo corpo e alma, por ele inaceitável. Diz ainda: "acrescentar uma hora de dança no programa dito de educação física não seria uma solução, pois a dança seria, ao lado de todas as outras artes, mais uma gata borralheira". (31) O autor ainda assinala: "...partindo do axioma segundo o qual, na base de toda formação do homem está a educação do movimento, as artes do movimento - do cinema à ginástica, do teatro à dança - devem estar situadas em seu justo lugar: o primeiro". (32)

No que diz respeito à dança-educação, Roger Garaudy coloca que "...o objetivo das artes do movimento não é o de habilitar a uma carreira bem sucedida na hierarquia social, ao triunfo numa partida desportiva ou à destruição eficaz de um concorrente, mas o de desenvolver o amor pela aptidão para a criatividade pela expressão pessoal". (33)

Partindo-se deste pressuposto podemos inferir que as "aulas" de dança na escola deveriam explorar as possibilidades de movimento humano e seus equivalentes em termos de expressão pessoal.

Regina Katz aborda a questão da dança e da educação (apesar de não mencionar explicitamente a educação formal) como conhecimento de si, do espaço e da pessoa em relação a esse espaço. Saliencia a necessidade de descobrirmos o "vocabulário corporal" que todos possuímos (socar, deslizar, flutuar, sacudir, talhar, pressionar e pontuar). No que diz respeito ao espaço, a dança permite a exploração do espaço parcial (aquele que circunda do corpo), do espaço total (o corpo fluindo no ambiente) e do espaço social (o diálogo corporal com o outro). (34)

O trabalho da dança na escola deveria, assim, estimular esta descoberta e esta percepção para que o êxtase, a vida, e a expressão que a dança é por definição fossem plenamente alcançados por todos.

Estas duas últimas abordagens da dança e da educação englobam uma terceira questão: quem estaria habilitado a executar este tipo de trabalho na escola?

A legislação oficial (Parecer CFE nº 641/71 - CE 19/8/71) estabelece que o licenciado em dança deve cursar seis matérias básicas (estética, história da arte, anatomia, fisiologia, cinesiologia e elementos de música) quatro matérias comuns (técnica de dança, composição coreográfica, improvisação) e quatro matérias para a licenciatura (psicologia da educação, estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º Graus e didática e prática de ensino da dança).

Já os especialistas da área de dança consideram (35) o interesse e o trabalho como o próprio corpo (uma "lavagem" e uma "purificação") o único aspecto essencial para aquele que trabalharla com dança. Ou seja, qualquer formação acadêmica é dispensável.

A autora Regina Katz concorda basicamente com tais especialistas, mas acrescenta a saúde mental do professor e a disposição de compartilhar, o compromisso com o trabalho, a capacidade de motivar e valorizar formas de expressão, a imaginação e a criatividade como elementos também importantes na formação de um "orientador" (como ela própria coloca) de dança. (36)

Enfim a dança e a educação pressupõem algumas atitudes centrais: a valorização da dança na formação, o não preconceito, a formação do professor e uma clara consciência daquilo que significa a dança e daquilo que ela pode proporcionar ao homem.

Qual a importância da dança na habilitação para o magistério (HEM)?

A inclusão da dança na HEM abrange todos os aspectos anteriormente mencionados, além daqueles que se referem à sua problemática específica: curso profissionalizante em nível de segundo grau fadado ao dualismo concepção/execução, assim como às controvérsias entre o ensino profissionalizante e ensino puramente acadêmico. Além disso, a HEM esbarra na questão da desvalorização do próprio magistério generalizado por todo o país, o que acarreta seqüelas na formação dessas alunas e interfere com sua atuação profissional posterior.

A escola com HEM pode ser caracterizada como uma escola que não apresenta condições de trabalho pela falta de recursos tanto materiais quanto humanos. Além disso, falta-lhe definição de uma política educacional, assim como uma organização curricular condizente com as aspirações do corpo discente.

O dualismo entre o ensino profissionalizante o acadêmico, assim como a dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual, são problemas enfrentados pelo ensino de 2º Grau e especificamente pela HEM: a sociedade burguesa capitalista em que nos encontramos faz com que este modelo profissionalizante-manual seja rejeitado e faz com que o descontentamento dos alunos destas escolas seja quase que generalizado.

Assim, pode-se descrever a aluna da HEM como uma aluna passiva, apesar de interessada. Há muitas críticas em relação ao ensino que recebem, principalmente porque está muito desvin-

culado com a prática e não permite a integração entre a teoria dada e a ocupação que terão.

Nota-se em geral dois tipos de preocupação básica: a entrada no vestibular (acadêmica) e a aquisição de técnicas e estratégias de ensino - receitas (profissionalizante).

Esta constatação pode ser compreendida através da análise feita por Luiz Pereira: (37) o magistério primário numa sociedade de classes está diretamente relacionado com as aspirações da mulher de classe média no que diz respeito à "integração entre sistemas sociais familiares e sistemas de ocupações profissionais". Ou seja, a aquisição de técnicas é importante para sua atuação profissional e a de conhecimentos gerais para seu uso próprio doméstico ou não.

Luiz Pereira justifica a grande maioria de alunos do sexo feminino nesta habilitação por ser a mulher, cultural e socialmente submissa e, portanto, disposta a aceitar salários degradantes e condições de trabalho precárias - a mulher é a grande mãe, que faz sacrifícios por seus filhos e alunos e aceita ser somente complemento das atividades do marido (ou do pai). Ou seja, o magistério, meio período, dentro de uma escola (extensão da casa de família) e mal remunerado serve à posição já estabelecida para a mulher na sociedade.

Para finalizar, Luiz Pereira coloca que "as escolas normais aparecem como agências de modernização dos papéis maternos, fenômeno que, como Parsons salienta, consiste no esforço de racionalização como base científica, e, muitas vezes, pseudo-científicas". (38) Apesar de ser uma conclusão baseada em dados antigos, permanece a tendência do "prolongamento da casa", apesar de que atualmente o fator econômico tem pesado consideravelmente na escolha de um 2º Grau profissionalizante.

No que diz respeito à dança, existe, apoiada na legislação - Parecer CFE nº 1162/72 CEPSC - uma habilitação em nível de 2º Grau de "técnico em recreação coreográfica infanto-juvenil", "técnico em recuperação motora e de terapia através da dança" e de "ballarino para o corpo de baile". Estes alunos deverão cursar, além de um núcleo comum, de acordo com a habilitação escolhida, técnica de dança, dança moderna e expressão corporal, folclore, música, técnica teatral, terminologia e codificação, noções de anatomia, fisiologia, repertório e coreografia, além de terem de fazer um estágio supervisionado. (39)

Volta-se aqui à questão do segundo item deste artigo: por que não se dança na escola? Ou seja, o currículo proposto para a habilitação especial em dança deveria estar incluído, pelo menos em parte, em todas as escolas, em especial na escola com HEM, pois está formando educadores.

Na HEM, a grade curricular permitiria apenas a inclusão da dança em três momentos: na área de Educação Artística do 1º ano (educação geral) e do 4º ano (formação especial) ou, ainda, na Educação Física Infantil (formação especial). Em todas elas, entretanto, somente é dada ênfase às artes plásticas e às técnicas de produção de desenho em série. A crítica ao curso de Educação Artística não cabe neste artigo, interessa-nos apenas constatar que a dança não existe nestes programas.

Além da já referida importância teórica da dança na educação e na escola, basta dizer que todos os aspectos salientados também servem às necessidades da aluna da HEM enquanto ser humano.

No que diz respeito à futura educadora, a dança apresentaria, talvez, aspectos ainda mais relevantes: somente a experiência com o próprio corpo e a descoberta de suas possibilidades eliminariam o preconceito existente e acrescentariam de forma concreta a importância da mesma no processo de educação de seus futuros alunos.

Além disso, a dança seria o elo entre o trabalho corporal e o intelectual, permitindo, assim, a superação da dicotomia entre o trabalho manual e o trabalho intelectual tão saliente na escola de 2º Grau. Ou seja, a dança enquanto expressão do ser através do corpo estaria valorizando o mesmo e fazendo, automaticamente, uma ponte em relação ao trabalho manual.

Estas relações poderiam estar ao mesmo tempo sendo trabalhadas nas matérias mais acadêmicas, levando-se em consideração as relações de trabalho e exercício da cidadania. Assim, até mesmo a história da dança estaria colaborando neste processo, assim como a conscientização e a elaboração verbal daquele momento prático vivenciado.

A inclusão da dança esbarra na precariedade de condições que freqüentemente a escola de 2º Grau apresenta: espaço físico, objetos e aparelhagem de som. Isto não impossibilita, absolutamente um trabalho sério, competente e frutífero com a dança na HEM.

Dado que o processo de avaliação das escolas com HEM é basicamente do tipo tradicional (provas bimestrais de conteúdo informativo), haveria aí outra dificuldade no que diz respeito à dança enquanto parte do currículo: o tipo de dança proposto é bastante difícil de ser avaliado ou julgado, muito menos através de provas. Esta matéria poderia encontrar, então, alguns entraves burocráticos bem como uma provável resistência de alunos e professores que somente trabalham e estudam em função de uma avaliação.

A percepção de Roger Garaudy em relação à dança poderia ser encaixada, no que diz respeito a dança-educação, dentro de uma tendência crítica social dos conteúdos, de acordo com as definições de Libâneo. (40) O autor coloca que "o ato da criação estética ou seja, a invenção de novas finalidades, a concepção e a realização de formas e vida, e o modelo do ato político no sentido mais nobre do termo, ou seja, ato revolucionário de desprendimento das rotinas da ordem estabelecida, de seus "valores" e de suas rígidas hierarquias, esforço para conceber um novo projeto de civilização e os meios de realizá-lo em nome desse critério único: instituir uma economia, um sistema político e uma cultura que criem as condições nas quais cada homem possa vir a tornar-se um homem, isto é, um poeta". (41) Ou seja, a dança é um instrumento do qual aluno pode se utilizar para agir na transformação do sistema.

Finalmente, restaria-nos definir como seria esta prática de dança dentro da HEM.

Dentro das concepções modernas de dança e suas diversas linhas (de autores já mencionados) acredito que a arte do movimento de Laban é aquela que melhor se encaixaria no esquema de uma educação formal, pelo menos como base de qualquer trabalho que lide com o corpo.

Como já mencionado anteriormente, Laban, através de seus estudos do movimento humano, criou uma nova interpretação e ação para a dança. Estes estudos culminaram na elaboração do gráfico dos esforços humanos (42) que classifica o movimento segundo suas qualidades de tempo (que pode ser súbito ou sustentado), peso (que pode ser firme ou leve), espaço (que pode ser direto ou flexível) e fluência (que pode ser liberada ou controlada).

A combinação destas quatro qualidades indicam movimentos que podem ser estimulados com o uso da música e de objetos auxiliares (panos de diversos tamanhos, cores, texturas, bolinhas móveis, etc) que servem à descoberta e à exploração de cada indivíduo. (43)

No caso da HEM, seria aconselhável a discussão posterior do processo vivenciado, fazendo com que cada aluno perceba, não somente as qualidades do movimento humano, mas também o vocabulário próprio que possui, que qualidades utiliza mais, o que pode culminar, apesar de não ser o caso na HEM, numa análise terapêutica da pessoa.

Esta noção de dança-terapia e a capacidade de observar as qualidades do movimento pode ser bastante útil à aluna da HEM, não no sentido de um tratamento terapêutico propriamente dito para o qual ela não está habilitada, mas no sentido de compre-

der melhor a linguagem corporal de seus alunos (mesmo que não seja em uma aula específica de dança) a fim de estabelecer elos que ultrapassem o autoritarismo e a imposição do saber.

Conclusão

A partir de todos os elementos abordados teórica e praticamente, observa-se que há um vínculo quase que "a priori" entre a dança e a educação, pois o movimento é a base das ações e comportamentos humanos, os quais são trabalhados (dentro de qualquer tendência) pela escola.

Deste modo, a dança na HEM é mais do que essencial, pois aspectos educativos nesta habilitação estão sendo abordados duplamente: a educação da aluna de magistério enquanto pessoa e indiretamente a educação de seus futuros alunos.

A superação de preconceitos e de dualismos históricos e culturais no que diz respeito à dança ; somente se dará com a prática efetiva da mesma. Ou seja, somente a inclusão da dança na escola fará com que a escola realmente dance.

Esta possibilidade se faz mais viável nos dias de hoje, uma vez que valores históricos arcaicos vêm sendo questionados.

Segundo Roger Garaudy "o renascimento da dança como forma de cultura e de vida é parte de uma luta mais geral por um modo novo de vida, por um novo regime político e econômico, por um homem novo. A escolha existe - é preciso repetir sempre - e nós somos responsáveis por ela: civilização do confronto ou civilização do coral". (44)

NOTAS

- (1) FERREIRA, A. B. *Minidicionário*. RJ: Nova Fronteira, 1977.
- (2) GARAUDY, R.: *Dançar a vida*. RJ: Nova Fronteira, 1980.
- (3) *Ibid*: pp.27-41.
- (4) *Ibid*
- (5) *Ibid*: p.52.
- (6) LABAN, R.: *Domínio do Movimento*. SP: Summus, 1978. p.29
- (7) *Ibid*: p.28
- (8) LE BOULCH, J.: *Rumo a uma Ciência do Movimento*. PA: Artes Médicas, 1987.
- (9) *Ibid*
- (10) KATZ, R.: *El Cuerpo Habla*. Quito: El Conejo, 1982, p.64
- (11) KATZ, R.: *Crear Jugando*. Quito: Ediciones Culturales, 1981, p.24
- (12) Entrevista com Regina Faria, especialista em dança.

- (13)SILVA, Norberto no curso "Dança Gesto e Palavra" - SP, 1987
- (14)FUX, M.: **Dança. Experiência de Vida**, SP: Summus, 1983, p.19
- (15)BERGE, Y.: **Viver seu Corpo**, SP: Martins Fontes, 1986, p.11
- (16)NICOLAU, M. L.: **A Educação Artística da Criança**, SP: Ática, 1986, p.248
- (17)**Proposta Curricular de Educação Física** - SP, SE/CENP, 1984
- (18)Ibid
- (19)GARAUDY, R.: op.cit., p.180
- (20)Ibid
- (21)Ibid: p.18
- (22)Ibid: p.182
- (23)Ibid
- (24)LE BOULCH, J.: op. cit.
- (25)LABAN, R: op. cit, p.38
- (26)KATZ, R: op. cit: p.24
- (27)**Educação e Ensino Artístico** - SP: SE/CENP, 1984.
- (28)Programação dos colégios Nuno de Andrade e Santa Cruz, SP.
- (29)NICOLAU, M. L.: op. cit., p.248
- (30)**Proposta Curricular de Educação Física** - op. cit., 1984
- (31)GARAUDY, R.: op. cit., p.181.
- (32)Ibid: p.182
- (33)Ibid
- (34)KATZ, R.: op. cit., p.33
- (35)Entrevista com Regina Faria, especialista em dança.
- (36)KATZ, R.: op. cit., p.26
- (37)PEREIRA, L. : **Magistério Primário numa Sociedade de Classes**, SP: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1989, pp.137-189
- (38)Ibid: p.67.
- (39)**Educação e Ensino Artístico**, op. cit.
- (40)LIBÂNEO, J.C.: "Tendências Pedagógicas na Prática Escolar" in **Democratização da Escola Pública**, SP: Loyola, 1985
- (41)GARAUDY, R.: op. cit., p.182.
- (42)Renata Neves sobre R. Laban no curso "Dança Gesto e Palavra". SP, 1987.
- (43)KATZ, R.: op. cit., p.33
- (44)GARAUDY R.: op. cit, P.184.

SUMMARY: The importance of dance as part of the individuals education has been recognized in the past few years by professionals in the fields of both, education and dance. Nevertheless, the Brazilian education system has not yet succeeded in providing its students with an education in which their bodies, their aesthetic and social values could be educated through dance. It could be argued that introducing dance into the Brazilian school system basically depends on overcoming prejudices and the dualism between the body and mind, on better defining dance and its educational value and, most of all, it depends on being able to train teachers capable of committing themselves to the countries social and cultural development.

KEY-WORDS: Dance. Education. Dualism. Values. Movement. Expression. Teaching. Body. Life.

(Recebido para publicação em 15.08.88
e liberado em 09.05.90)